

Reinaldo Salomão

“(Na Escola) Você vive um ambiente onde a competência, o mérito é reconhecido pelos pares e isso é uma forma de ganho! Já há muitos anos no nosso ambiente, há, de certa forma, a valorização do mérito!”

Primeiro, queria dizer da minha satisfação e alegria de ter sido um dos escolhidos para cruzar essa linha entre a vida pessoal e a vida da Escola. Sinto-me muito orgulhoso pelo convite!

Nasci em 27 de setembro de 1958... Venho do interior de Minas. Nasci em um vilarejo, com rua de baixo e rua de cima, e um rio que passa no fundo das casas e divide o Estado de Minas e de São Paulo; assim, cresci meio mineiro, meio paulista...

Este vilarejo chama-se Claraval... Originalmente o nome era Garimpo das Canoas, mas o nome foi mudado por padres italianos, que para lá foram em missões de catequização na cidade. Chamaram de Claraval, para ser algo como a cidade do vale do rio claro.

Como lá só havia escola primária, nós nos mudamos para Franca, que era do lado de São Paulo, quando meu irmão mais velho iniciou o curso ginásial. Nessa época eu devia ter uns cinco, seis anos...

Meu pai era comerciante, filho de Sírios e como bom descendente de árabe, tinha lojinha que vendia de tudo. Nós somos quatro irmãos: Roberto, meu irmão mais velho, depois eu, a Renata - irmã mais nova - e o caçula, que é o Ronaldo.

Em Franca completei o curso ginásial e cheguei ao último ano do colégio. Aparecia uma nova barreira, em Franca, praticamente, não havia vida universitária. Era uma coisa curiosa, porque apesar de ser uma cidade muito provinciana, as famílias conviviam bem com a idéia de que os filhos saíam da cidade para estudar. Hoje, morando aqui em São Paulo, vejo que os pais não imaginam que o filho vai terminar o colégio, pegar as malas e estudar fora, viver sozinho... E para nós isso era habitual. Assim, na época de fazer o terceiro colegial fui para Ribeirão Preto, fazer o cursinho junto com o colégio. Saí de casa com 16 anos.

Ribeirão Preto foi uma experiência muito boa. Eu era muito jovem, com pouquíssima vivência. Lá morávamos numa pensão, onde conviviam estudantes e trabalhadores; era uma pensão no melhor conceito da palavra. Muito simples! E era o jeito que era viável de se estudar e morar fora naquela época.

Não sei precisar de onde veio a vontade de fazer Medicina. De certa forma, sempre gostei de assuntos relacionados à Medicina, desde a época do colégio, ginásio... E houve a influência de uma geração de tios, primos, meu próprio irmão que era o mais novo dessa outra turma, que foi a primeira geração de minha família que saiu para estudar... A maioria deles saiu para fazer Medicina. Eles iam para cidades muito distintas, como Curitiba e Belo Horizonte. Nos feriados e nas férias voltavam e as histórias das faculdades soavam muito fascinantes! Por outro lado, eu sempre achei muito bonita a atividade médica...

Em Ribeirão Preto fazia cursinho de manhã, estudava à tarde, e à noite fazia o terceiro colegial, que era numa escola pública, muito boa, Colégio Otoniel Mota; talvez na época um dos melhores colégios de Ribeirão Preto. Isso foi em 1975. Foi um ano de muito sacrifício. Apesar de muito jovem, foi uma época em que tinha muita clareza de objetivo: entrar na faculdade.

Naquela época, o exame vestibular para as faculdades de medicina era unificado. Era um só exame para as Faculdades de Medicina: USP de São Paulo e Ribeirão Preto, Escola Paulista e Unicamp, além, se não me engano de Jundiaí. No momento de preencher o formulário, alguém lá no cursinho orientou: “Se você colocar Ribeirão direto você queima oportunidades!” Foi alguma coisa nesse sentido e me explicou que a seqüência de notas seria: USP–São Paulo, Escola Paulista de Medicina, USP–Ribeirão, UNICAMP e aí, por último, Jundiaí. Foi assim a primeira vez que eu ouvi falar da Escola Paulista. Quando saiu o resultado do vestibular, tinha entrado aqui na Escola Paulista de Medicina e na Santa Casa, além da PUC de Sorocaba. Tivemos muitas dúvidas inicialmente porque, na época, no interior, a Faculdade de Medicina da Santa Casa era mais conhecida do que a Escola Paulista de Medicina! Ouvimos um professor da USP de Ribeirão Preto, que era conhecido dos meus pais, que indicou o caminho da escola: “a Escola Paulista é ótima, é para lá que você tem de ir”. Tomada a decisão, a Escola entrou na minha vida!

Eu tinha vindo poucas vezes para São Paulo, só em viagens curtíssimas e muito esporádicas. Foi uma mudança muito grande. Em Ribeirão Preto, mesmo morando fora, morava com um grupo de estudantes... É como eu falei: tínhamos um objetivo muito claro, era imediato e estava, ainda, próximo da minha cidade. Em São Paulo, a dimensão da cidade, a idéia de que pegaria um ônibus e levaria uma hora para chegar à Faculdade, eram coisas muito difíceis para mim. Ao mesmo tempo em que você estava numa cidade hiper movimentada, os ônibus eram cheios, acho que não tinha metrô na época, olha que interessante... . Chegava fim de semana ou à noite e eu me sentia só. A experiência da cidade grande no primeiro momento é muito difícil... Com o passar do tempo São Paulo começou a deixar de ser essa coisa difícil, cansativa, vamos dizer penosa de morar, para mostrar seus aspectos mais fascinantes...

A vida na Escola foi ficando cada vez mais interessante, mais rica... Já no segundo, terceiro ano tinha certeza que meu lugar era em São Paulo e na Escola Paulista de Medicina. Deve acontecer com todos, de se identificar com sua faculdade, a sua universidade, mas no meu caso aqui com a Escola foi ficando uma coisa extremamente forte... Tinha também um aspecto muito interessante do momento político que nós vivíamos... . Vivíamos o final da ditadura, o movimento pela redemocratização do país. Experimentava a riqueza da vida acadêmica, desde o próprio estudo da Medicina até a participação no movimento de redemocratização, de reivindicação! Isso para mim foi uma coisa absolutamente fascinante!

Acredito que vivi esse momento como se fosse minha adolescência. A experiência da transição para idade adulta foi muito mais nessa época do que no colégio, como acontece para muitas pessoas, porque ali é que realmente deu para arregaçar as mangas, morar fora, ver o mundo, voar... Ficava muito forte a sensação de São Paulo como algo muito sedutor e a Escola Paulista como a melhor escola do mundo!

Eu não sei precisar quando optei por ser clínico, mas logo no início do curso, tinha um fascínio pela Clínica Médica. Tinha uma admiração muito grande pelos professores das cadeiras básicas, mas estava determinado em ser clínico.

Diversos professores foram marcantes para minha geração. Lembro-me do Prof. Trabulsi, que teve uma importância muito grande para mim. Era muito reconhecido e levava extremamente a sério a graduação, o contato conosco. Com ele tive minha primeira experiência docente. A Professora Jandira Mansur, que foi paraninfa da minha turma... O Professor Carline foi uma pessoa bastante marcante porque, no momento político que vivíamos, tinha posicionamentos que nos pareciam muito claros! E eram posicionamentos a favor da abertura, da democracia. Aquilo seduzia muito os jovens. Era exatamente o que falávamos, queríamos e então ver um professor assumir publicamente essas bandeiras nos deixava realmente muito agitados, muito animados...

Uma figura marcante de professor foi o Prof. Domingos Delácio, que era uma referência! Quem teve a sorte de tê-lo como professor, sabe do que eu estou falando. Ele era tão marcante que, possivelmente, foi o professor que mais foi patrono ou paraninfo de turma. Era um professor que se dedicava com a alma ao ensino e ao mesmo tempo muito humilde, muito simples. Como era professor de obstetrícia, acrescentava ainda o fascínio da atividade médica. Depois vieram os expoentes da clínica médica, como o Professor Horácio Ajzen e o Professor Oswaldo Ramos.

Finalmente, os professores da Disciplina de Infectologia, pela qual acabei fazendo a opção. Naquela ocasião fazíamos o estágio de internato no Hospital Emilio Ribas. Não havia enfermaria de doenças infecto-contagiosas no Hospital São Paulo. O Hospital Emilio Ribas é um hospital muito interessante, porque é um hospital de moléstias infecciosas, hoje um instituto, com uma concentração muito grande de casos de doenças infecciosas!

As doenças infecciosas tinham, ainda hoje têm para mim, aquele apelo das doenças socialmente importantes. Olhar a doença infecciosa como a doença do carente, do pobre, trazia para aquele ambiente e para os médicos e professores que lidavam com os pacientes uma aura muito especial. E naquela ocasião, dizíamos de boca cheia que eram doenças que a gente curava. Na verdade, o doente ou morria ou era curado. Era diferente, por exemplo, de doenças degenerativas, tipo diabetes, doenças renais, quando víamos os pacientes ficando cronicamente enfermos. Então, aquilo tinha algo muito palpitante, e ali, realmente, nós tivemos contato com os professores da disciplina: O professor Jair Xavier Guimarães, o Professor Tiriba, o Professor Longo!

O Longo era um professor de especial formação médica, muito culto, muito ético, tinha um jeito de lidar com os alunos, com os pacientes que nos chamava bastante atenção. Esses três professores eram os mais velhos da disciplina. Tinha também uma turma começando as atividades docentes, uma turma muito motivada! Particularmente o Professor Adauto Castelo e o Professor Pignatari tiveram grande influência em minha geração. O Pignatari com um viés muito forte de ensino e o Adauto com um viés muito forte de pesquisa. Foram duas pessoas que influenciaram na minha decisão de fazer Infectologia.

Terminada a residência, comecei o mestrado ainda com o olhar totalmente clínico, na área epidemiológica. Estudava como uma determinada infecção, no caso a sepse, evoluía e quais fatores estavam associados com a causa de morte. Era um clínico fazendo uma pesquisa clínica. Mas para escrever o mestrado fazíamos, na época, grandes revisões

e, estudando fisiopatologia, percebi... vi que nesta área estava o pessoal que realmente fazia pesquisa. Aí comecei a ligar com aquela história das cadeiras básicas, sabe, porque fisiopatologia é o estudo dos mecanismos de doenças.

Comecei a estudar a resposta do hospedeiro na sepse com um interesse cada vez maior. E nesses estudos havia sempre dois ou três autores que se destacavam. Um destes grupos de pesquisadores estava no Instituto Max-Planck de Imunobiologia, na Alemanha, um centro super renomado. Era o grupo do Dr. Chris Galanos.

De forma absolutamente ingênua eu escrevi uma carta, na verdade, a esposa do Professor Manoel, da Infectologia, ajudou-me a redigir uma carta em alemão. A carta foi mandada a ele e era exageradamente objetiva: “Eu, Zé Ninguém, quero trabalhar com você por isso, isso e isso, por favor, responda que eu preciso tomar providências”. Era alguma coisa desse jeito e como foi em alemão e eu não sabia de nada mandei assim mesmo! É impossível pensar nisso e não dar risada.

Esta foi a grande virada na minha vida! Isso foi em 88, já tinha feito os três anos de residência e defendido a tese de mestrado. As coisas foram se encaixando! Até então nunca tinha posto os pés num laboratório e estava aceito para trabalhar, vamos dizer, com o pesquisador que eu tinha identificado durante a tese como sendo o papa no assunto. Nisto descobri que ele era um químico. Falei: “Meu Deus, para onde que eu estou indo?” Escrevi para ele explicando que eu não entendia nada de laboratório, para ele não dizer depois que foi enganado. Ele me respondeu dizendo que tinha um monte de gente que ia pra lá sem saber e que aprendia. E essa foi a grande mudança da minha vida, a experiência de trabalhar com pesquisa experimental num centro gerador de informações!

O laboratório era um centro em que as pessoas estavam descobrindo coisas. Viver aquilo foi muito interessante. Pesquisadores que estavam o tempo todo trabalhando na fronteira do conhecimento, com dedicação, com profissionalismo, mas muita humildade, uma coisa impressionante! Nossa! Esse é o super cientista? De vez em quando até eu precisava me lembrar: nossa você está falando com o Galanos. Ele me deixava tão à vontade, sempre perguntando minha opinião, “o que é que você acha?”, “vamos fazer assim, vamos fazer assado?”, e eu pensava: “vamos fazer do jeito que você achar que deve...”.

Foi uma grande mudança de vida. Tive de sair do Brasil, aprender alemão e largar a atividade clínica. Por dois anos deixei de ser médico e cuidava de camundongos, de células de cultura, coisas assim, num país com uma língua difícil, com a qual eu não tinha nenhuma familiaridade, que era a alemã. Foi uma experiência riquíssima que mudou minha vida...

Fui para lá em 88 e peguei a queda do muro de Berlim! Vivi a queda da ditadura quando cheguei em S. Paulo e a queda do muro de Berlim quando estava na Alemanha. Pulei um dado importante na história, que tem a ver com a vontade de fazer pós-graduação na Europa. Durante a graduação eu tinha, junto com um grupo de amigos, feito algo um pouco inusitado! Apesar de estar muito satisfeito com Escola e com a cidade, começamos no terceiro ano, a ter uma percepção de que a vida tinha muito mais coisas do que só estudar, se formar e seguir aquele trajeto já mais ou menos previsível. Ficamos com uma curiosidade muito grande de saber o que é que existia lá fora!

Resolvemos parar de estudar e ir viajar pela Europa, “mochilar” durante um ano! Alguns amigos foram em 78 e nós em 79. E foi uma experiência absolutamente divisora de águas!

Primeiro não era algo usual. Quando a idéia começou a ventilar na instituição, tinha aquela sensação de incredulidade, as pessoas falavam: “*Mas vocês não estão gostando do curso?*” e eu respondia: “*Não é isso! Eu gosto do curso, eu estou satisfeito!*”. Um amigo veio conversar e disse que também estava em crise e eu falei: “Mas eu não estou em crise! Eu quero viajar, não preciso estar me sentindo mal para poder querer fazer isso”. E foi algo realmente muito legal! Quando você sai como mochileiro, mesmo num lugar civilizado como a Europa, você é mochileiro! Então você deixa de ser um estudante de Medicina, que é um cara privilegiado, que tem acesso a muita coisa de cultura e de lazer, e passa a ser um mochileiro duro como todo bom mochileiro!

Na época, para se ter idéia, tinha um livro bem conhecido entre os mochileiros que era “*A Europa por 10 dólares*”. Nós éramos um grupo maior, mas viajávamos de dois em dois porque facilitava. Viajávamos de carona. Um dos meus melhores amigos até hoje foi meu companheiro de viagem, e nós brincávamos que iríamos publicar um livro que seria “*A Europa por cinco dólares*”. Foi uma aventura, nós saímos daqui com a passagem de ida e volta para Nova York e querendo ir para Europa. Na época tinham aqueles vôos baratos de Nova York para Londres. Saímos com mil dólares do Brasil Foi um ano que gente teve que se virar. E foi maravilhoso!

Nós trabalhávamos nessas funções onde a sua qualificação não conta nada, que não requeriam muita formação... Eu lembro bem de uma situação em que eu chego e falo que sou estudante do terceiro ano de Medicina e me perguntam se eu sei datilografar, respondo que não e aí não adianta nada, sem datilografar não interessa!

Meu sonho era ir para Londres! Nós moramos três meses em Londres, trabalhávamos em restaurante, trabalhávamos em hotel, pegamos aquela época que tinha... . Eu acho que tinha uma lei em Londres, que você podia invadir uma casa ou um apartamento que estava sem ser utilizado, e desde que você não quebrasse, não danificasse, era um direito você ocupar. Devia ser alguma lei antiga e isso ventilava entre os mochileiros.

Nós pegamos um rabicho dessa época e moramos em uma casa invadida numa região maravilhosa de Londres. Era uma casa com sótão, dois andares, com todas as coisas, mas com janelas vedadas com madeiras. E com todos os vizinhos muito diferenciados de nós. Mas isso durou um mês e pouco e aí nós fomos convidados a nos retirar. Trabalhamos na Suíça em coleta de maçã e de uva, fomos até o Oriente Médio...

Foi uma experiência muito interessante, porque até então não tinha nenhum interesse em relação a minha própria cultura, a cultura árabe. Na verdade, enquanto jovem eu até achava esquisito aquele tio mais velho que chegava cantando aquela musiquinha chata, dando muito beijo... Foi uma descoberta! O impacto de ir visitar a aldeia de onde vinham as minhas raízes, uma aldeia parecida com o vilarejo em que eu nasci, talvez um pouquinho melhor, mas muito pouca diferença. Uma aldeia antiga, na Síria! Foi algo muito emocionante e foi uma redescoberta das minhas raízes! Logo depois fomos para Israel, que era um lugar que eu também queria conhecer muito, particularmente, os *Kibutz*. Ficamos um mês trabalhando nos *Kibutz*, foi uma experiência incrível!

Mas como cinco dólares por dia era muito pouco, eu sempre brincava e dizia: “*Poxa! Um dia eu preciso voltar oficialmente para Europa!*”. Então a ida para Alemanha, na pós-graduação também teve esse caráter, agora eu volto como cidadão,

podendo mostrar o passaporte! Ainda, o fato de ser médico era muito valorizado. “Ah! *Você é médico no Brasil?*”. Dessa vez eu estava oficialmente na Alemanha, na Europa, com outro status!

No Instituto Max-Planck eu fiz toda a pesquisa para o meu doutorado, mas voltei e defendi aqui no Brasil. Fiz, na verdade, um doutorado como pesquisador básico. Defendi aqui com o material de lá. Esses dois anos foram apaixonantes, porque primeiro teve essa questão de lembrar aqueles professores das cadeiras básicas. Eu vi de novo lá e fiquei fascinado! E falei: “Não! Minha vida a partir de agora vai ser centralizada muito mais na pesquisa do que em qualquer outra atividade, vai ser ensino e pesquisa, eu vou continuar a ser médico, mas vou ter que achar um espaço para por pesquisa nesse cotidiano, vai ter de ser um tripé mesmo!”.

Era muito bom estar lá. Você via as pessoas descobrindo coisas, algo que não era conhecido e passava a ser conhecido, e você está com as pessoas que descobriram, era muito estimulante! E, por outro lado, tinha a questão da Alemanha. Nós tínhamos uma visão cheia de receios, porque não sabíamos falar a língua, aquela idéia de que alemão era um povo frio, antipático, não recebe bem estrangeiro. E foi uma experiência totalmente diferente!

Eu me lembro da atenção que recebi do meu chefe, logo que eu cheguei ao Instituto. Na verdade, ele tinha um chefe que acabara de se aposentar, mas que ainda mantinha um escritório lá. Ele fora o diretor do Instituto como um todo. Fui chamado na sala deste pesquisador, para contar de onde eu vinha, pediram para eu mostrasse no mapa onde era minha cidade, o que é que eu fazia, do que eu gostava e no dia seguinte ele me trouxe um presente. A mulher dele fazia umas compotas, uns negócios super gostosos e disse: “Olha, trouxe para você experimentar uma coisa típica da Alemanha!” E eu pensei: aqui não tem nada a ver com o que eu ouvira falar! Não sei se era porque era um ambiente de pesquisa básica, mas sei que era um ambiente muito bom!

Eu passei a conviver com os meus chefes, na verdade eu tinha dois, o marido e a mulher, cada um me pegava por um lado para fazer experimentos. Eles eram muito simpáticos e nos tornamos amigos. Os dois eram estrangeiros, o antigo diretor era alemão mesmo, mas eles dois eram estrangeiros, e convivíamos muito bem. Passamos a freqüentar as casas uns dos outros. Quebrou aquela história de que a Alemanha é um país que recebe mal. E então eu percebi: o meu chefe, na Alemanha, vai à minha casa! Aí comecei a pensar: espera um pouquinho e o brasileiro que é sambista, simpático, tal? Quando é que alguém aqui na Escola Paulista levou um doutorando para jantar em casa ou foi na casa do aluno? Comecei a perceber que temos muito mais fama do que atitude. Até procurei mudar um pouco, quando voltei, para receber essas pessoas que vinham de outras cidades, de outros estados de uma forma mais acolhedora!

Quando retornei ao Brasil precisei criar esse espaço para a pesquisa e isso foi muito complicado, porque nossa disciplina ainda não tinha consolidado esse ambiente de pesquisa, particularmente de laboratório. Tínhamos o caminho, tínhamos alguns professores jovens que entendiam que esse era o caminho que deveríamos seguir, mas eles mesmos eles estavam neste processo de construção. O Aducci era recém chegado, trabalhava com a parte de epidemiologia, e o Pignatari, também estava acabando de chegar. Nós não tínhamos sequer laboratório!

Foi um momento muito difícil, porque sabia que se não dedicasse às atividades de pesquisa no laboratório, o que eu aprendera na Alemanha iria ficar restrito, fechado no

tempo; eu voltaria a fazer só atividade clínica, que eu continuava gostando, mas seria voltar para o que era antes, agora com o título de doutor. Que, aliás, era uma trajetória muito comum há uns vinte, trinta anos. As pessoas se dedicavam a fazer uma determinada investigação, defendiam o doutorado, mas aquilo deixava de influenciar a vida posterior das pessoas. E como eu tinha feito uma mudança muito grande na minha vida, não queria que isto acontecesse. Mas nós não tínhamos laboratório... Essa era uma realidade da nossa Disciplina. Eu sabia que era possível, porque na Nefrologia, por exemplo, tinha pesquisa de ponta, que era desenvolvida em laboratório. O mesmo acontecia na Endocrinologia. Então eu sabia que tinha era que começar! Mas foi muito difícil começar do nada!

Um dia, fui convidado pelo Departamento de Medicina para dar uma aula, falar do que eu tinha feito, que era realmente algo muito palpitante para época, na verdade, ainda acho palpitante! E uma colega, a professora Neuza da Reumatologia, que também gostava do assunto, depois da aula me perguntou: “E aí, o que você vai fazer? Vai continuar?” E eu respondi: “Não sei, eu quero, mas não tenho laboratório!” Ela falou: “A gente tem um lugarzinho, se você quiser, põe um banquinho lá; nós temos estufa, dá para fazer cultura de células!” Tenho uma gratidão enorme com o pessoal da Reumatologia! A professora Neuza, o Luiz Eduardo e o Paulo Leser foram muito gentis comigo! Os três tinham atividade de laboratório e permitiram que eu usasse o laboratório deles. Eu acabava ficando numa ante-sala onde tinha cultura de célula. E pus um banquinho lá e lá eu ficava e isso foi o suficiente para eu não parar!

Comecei a fazer pesquisa e tive a sorte de ter alunos de pós-graduação muito bons! E que resolveram apostar nesse caminho, acharam que era interessante. Alunos extraordinários, que entraram no clima de: “Vamos construir juntos, vamos tentar, não vamos deixar a peteca cair!”. E, no Laboratório da Reumatologia, logo conseguimos estabelecer uma linha de pesquisa e começamos a ter alguns resultados. Só que aquela situação era provisória e fui pedir no departamento uma área de laboratório. E essa foi outra situação no estilo da carta para a Alemanha!

Bom! Não sei há quantas décadas o Departamento de Medicina se reúne num anfiteatro no terceiro andar, o anfiteatro da época do Jairo Ramos, e, não sei quem pôs minhoca na minha cabeça, mas começamos a ver que aquele anfiteatro dava um bom espaço para o laboratório e que reunião se faz em qualquer lugar!

Falei com o chefe da nossa disciplina, que é o atual chefe de novo, que é o Professor Sérgio Wey. Ele falou: “Porque que você não vai à reunião do departamento e fala que você gostaria de ter isso e tal!” Ai eu fui. Se o Sérgio já era jovem para ser chefe, eu era um moleque que queria falar alguma coisa. O Professor Oswaldo Ramos era o chefe de departamento. Aconteceu mais ou menos assim na reunião. O Prof. Oswaldo falou que eu queria fazer uma colocação, todos sabiam que eu tinha ido para Alemanha, tinham acompanhado este processo e alguns estavam presentes numa dessas aulas que eu fui convidado a falar sobre a minha experiência. E é um pessoal que estimula! Falei que tinha ido e que estava lutando para fazer pesquisa, mas que sem laboratório era muito difícil! Aí todo mundo se manifestou dizendo que eu estava falando basicamente da situação de todos que iam para o exterior! Que aquilo era um problema crônico que enfrentávamos. Eu falei que não! Que o meu era particular, porque eu não tinha nada, era diferente de gente que tinha um pouco e queria crescer! Eles acharam que era justo e perguntaram se eu já imaginava um espaço onde poderia instalar o laboratório. Quando

falei “Olha, eu pensei nessa sala!”, fez-se um silêncio. Acho que eles não sabiam se riam, se ficavam bravos, mas acharam engraçado! Para contornar a situação decidiram formar uma comissão para ver o questionamento do Reinaldo e passar para o próximo ponto da pauta!

Aí passou um tempo e eu fui lá falar com o professor Oswaldo e perguntei para ele: “Professor, o senhor viu a questão da sala?” E ele falou: “Não Reinaldo, que é isso, não pode ser o anfiteatro!”. “Mas o senhor ficou de fazer uma comissão!” E ele olhou na ata e estava lá, e ele falou: “Então está bom, vou fazer uma comissão” e chamou três professores para ver o que eles fariam. E não é que esses, generosamente, acharam um espaço lá perto, no terceiro andar, não muito longe do anfiteatro! E o professor Oswaldo ainda ironizou: “Pode ser outra sala ou você faz questão de ser o anfiteatro!” e eu falei: “Não, não professor pode ser em qualquer lugar!”.

Pois bem, começamos com o laboratório e já se criou essa nova realidade: nós temos um laboratório, nós vamos fazer pesquisa de fisiopatologia, de mecanismo de doença, e aí deu para sentir que não ia morrer! Esse processo de consolidação durou pelo menos uns cinco anos, até sentir que ia dar certo, até os primeiros pós-graduandos defenderem tese e termos as primeiras publicações. Foi um período muito longo e difícil, porque teve um hiato entre a volta e a começar a produzir aqui.

Era muito, muito trabalho e um retorno desproporcionalmente pequeno, porque até você ter massa crítica, ter dados para publicar vai um tempo muito grande, mas nunca perdemos a fé! E uma coisa interessante, o pessoal da Escola confiava muito, talvez por ver que estávamos nos esforçando. A minha disciplina, Doenças Infecciosas e Parasitárias, hoje Infectologia, sempre me apoiou muito.

Acho que isso é uma característica muito própria da Escola. Se você pensar no que eu contei, parece absurdo. Em que lugar um jovem chegaria numa reunião de departamento, e naquela época, com aqueles professores todos, com uma proposta dessas?! E, de repente, alguém entende e diz: olha a gente tem que apoiar esse menino! No fundo, aqui temos facilidade de chegar a quem toma decisão. É uma questão que vemos hoje, pulando bastante aí no tempo, com a reitoria. O reitor é uma pessoa que vive essa instituição! Você quer falar com ele, marca e rapidamente é atendido e isso não é comum por aí!

Acho que criamos essa percepção de que as necessidades dos indivíduos são as necessidades da própria Escola. Hoje temos os frutos de ter investido em laboratórios, não só para mim, mas para uma geração de pessoas que fizeram a mesma coisa, e isso vai somando para a instituição. A Escola dá e se alimenta dessa generosidade.

Hoje, quando comemoramos 75 anos, vivemos um momento especial. Se olharmos ao longo da história da Escola, tivemos a fundação da Escola Paulista de Medicina em 1933, daí em 1939 a enfermagem, depois veio Biomedicina em 1966, a Fonoaudiologia em 1968 e a Tecnologia Oftálmica em 1970. Desde então, era esse conjunto de cinco cursos que compunham a Escola Paulista de Medicina. Isso era um processo ambíguo, porque ao mesmo tempo em que isso nos deixava como uma estrutura muito compacta, dava a idéia de sermos muito fortes numa determinada área do conhecimento, podia, dependendo do olhar que se tem, mostrar que éramos realmente muito pequenos e pouco importantes no cenário da educação superior. Efetivamente, estávamos exageradamente restritos. Para se ter uma idéia, quando eu me formei, em 82,

nosso diploma não era validado aqui. Tinha de vir da Universidade Federal de São Carlos. Tínhamos de evoluir, transformar-nos mesmo em universidade!

Num primeiro momento, o que vivemos, na verdade, foi uma transformação política da Escola Paulista de Medicina, com cinco cursos, na Universidade Federal de São Paulo, com os mesmos cinco cursos. Nós convivemos durante vários anos com a Escola Paulista de Medicina e a UNIFESP sendo, de fato, a mesma coisa, nem sabíamos direito como colocar os nomes, porque, de verdade, era uma mudança estética e política! Trouxe maior independência para nossa Universidade, mas efetivamente não éramos uma Universidade, sequer era uma Universidade na área da Saúde, porque muitos outros cursos das áreas de saúde não eram contemplados dentro destes nossos cinco cursos. Então eu vejo com naturalidade que nós tínhamos de expandir.

Agora qual a forma de expansão? Vamos ficar só na área da saúde ou vamos ter a universalidade dos conhecimentos? Embora não tenha participado ativamente nesta decisão, acho foi muito feliz a idéia de expandir em todas as áreas do conhecimento. Senão você não fica uma universidade de verdade. Imaginar que você não tenha a área de humanas, não tenha a área de engenharia... . Sempre fica alguma coisa restrita em termos de área de conhecimento e deixa de ser um centro que abarca a universalidade do conhecimento. Eu sou muito favorável a esse projeto de expansão no sentido de concretizar uma universidade de verdade.

Logo que assumi o cargo de chefe de gabinete do reitor coleí na parede da minha sala duas notícias de jornais que fazem um contraponto no que se refere à UNIFESP. Eu deixei aqui como uma mensagem para mim mesmo e para quem vem aqui conversar ou visitar. O que você vê na reportagem de cima, é uma reportagem do Estado de São Paulo falando que a produção científica cresce mais de 200% nas grandes universidades e termina, no último parágrafo, dizendo que a área que mais cresceu foi a área de Medicina e que esse crescimento em grande parte se deve a contribuição da Universidade Federal de São Paulo que cresceu quase 400% desde 79. No *gran finale* destaca a nossa produção científica! A reportagem de baixo, como tantas outras, tem um olhar mais macro para as universidades, e ali é um ranking mundial das universidades, onde sequer nós somos citados, nem por quem fez o ranking, nem por quem fez a reportagem.

De fato, quando você olha o ambiente das universidades brasileiras ou do mundo, com grande frequência o nosso mundinho não existe, quer dizer, ou alguém põe uma lupa - pode ser um fator de correção, como diz nosso Reitor- e diz: “Esse pessoal é bom para caramba!” ou nós, de verdade, como universidade não existimos.

Acho que o desafio, e o que me fez guardar os recortes, é pensar o seguinte: que nós vamos levar para os outros campi as características que tínhamos na Escola Paulista de Medicina, agora na universalidade do conhecimento, vamos deixar de ser a Escola de Paulista de Medicina, que é boa na área medicina e na área da saúde como um todo, para ser UNIFESP, boa em todas as áreas. Nós estamos construindo isso, começando com o processo de expansão, expansão com qualidade. Vamos torcer para que daqui a uns dez anos, a gente não só vá olhar para estes dados e ver que o Brasil melhorou nesse ranking mundial, mas que tenhamos tido um papel nisso!

Na Escola sempre houve pessoas que se dedicaram muito... Se voltarmos agora ao nosso tempo de aluno, veremos que não era diferente de hoje, o professor era mal pago, mas tinha gente dedicada e que vestia a camisa e esse tipo de coisa faz a diferença! E você vive um ambiente onde a competência, o mérito é reconhecido e valorizado pelos

pares e isso é uma forma de ganho! Já há muitos anos, dentro do nosso ambiente, de uma ou outra forma, há a valorização do mérito! E isso cria um círculo virtuoso. A valorização do mérito é um grande estímulo, do ponto de vista do reconhecimento, do respeito que essas pessoas conquistam. Você toma isso e soma com uma estrutura relativamente enxuta e capaz de ousadia, de inovação, então aí você consegue entender o que está acontecendo! Vai ver que a Escola inovou em muitas coisas.

Neste processo de contínua inovação, tive a felicidade de ter participado ativamente do planejamento e consolidação dos edifícios de pesquisa I e II. Foram modelos inovadores, onde houve a questão de busca de recursos via planejamento institucional e distribuição de espaços por avaliação de mérito.

Sabíamos de havia excelentes pesquisadores no Departamento de Medicina, Pediatria, Cirurgias, fazendo pesquisa de laboratório, espalhados em vários setores. Aí a Universidade faz um edifício que vai aglutinar esses pesquisadores, mas com um novo formato: aglutinar quem está produzindo, quem está publicando, quem fala a linguagem de hoje da pesquisa. Para isso, a distribuição de espaço para o pesquisador passa a ser feita pela via de avaliação de mérito; isso é muito inovador nas universidades brasileiras! Nós fomos visitados por inúmeros pesquisadores do Brasil que queriam conhecer essa experiência! O professor Oswaldo Ramos era o presidente da comissão, que coordenava os esforços, tanto de captação de recursos, quanto de instalação dos laboratórios. Poucos anos depois, ele saiu e eu fui eleito como presidente do conselho diretor do Edifício I. Nosso estatuto tinha uma página! A idéia era não ficar querendo por regra em tudo e deixar um espaço enorme para o bom senso.

Isso deu tão certo, que aconteceu algo interessante. Fizemos uma avaliação de produtividade, conseguimos espaços novos no edifício, chamamos a comunidade para apresentar novos projetos e vimos que os novos projetos dariam para ocupar outro edifício... Nosso pró-reitor de Pós-graduação e Pesquisa na época, Professor Nestor Schor, expôs a situação para nosso vice-reitor, que época era o Professor Ulysses, que já falou: “Vamos tentar buscar recursos para um edifício novo e agora para toda comunidade”. E o modelo foi o mesmo. Assim começa a história do Edifício II, também cheia de ousadia! Quem vê o edifício como está lá, maravilhoso, não imagina que num determinado momento, tínhamos só um quarto dos recursos necessários e a necessidade de tomar uma decisão: derrubar as casas, fazer um buraco e começar a construir, correndo o risco de ver o projeto morrer por falta de recursos, e ficar só com um esqueleto, que por sinal era como o Edifício I era conhecido, ou recuar e abandonar o projeto antes mesmo de iniciá-lo.

Era uma decisão difícil. Nisso o nosso reitor deve ter os créditos, porque a decisão era dele. E lembro-me de reuniões que nós tínhamos do conselho, junto com ele: “É nós não temos alternativas, porque se não derrubar e começar a construir ninguém vai dar mais dinheiro. Nós não podemos ficar com o dinheiro parado, porque senão vamos acabar devolvendo o dinheiro conseguido”. Acabamos, depois de vários projetos, conseguindo os recursos para a construção do edifício! A distribuição de espaços foi semelhante à do Edifício I. Houve edital interno para os pesquisadores, envio de projetos e avaliação por comissão ad-hoc externa, presidida por ninguém menos que o **presidente** da FAPESP, que é um excelente cientista, o professor Brentani. Essa comissão selecionou, baseada em projetos, os grupos de pesquisadores que viriam para o prédio e quais áreas deveriam receber. Infelizmente, havia mais projetos do que era possível

acomodar e bons pesquisadores ficaram de fora... E nós estamos agora, nos próximos seis meses, no processo de ocupação.

Eu estava contando esta história para os alunos, quando tive a oportunidade de ir visitar o Campus de Guarulhos, acompanhando nosso Reitor. Eles estavam reivindicando uma série de coisas, apontando falhas, muita coisa que não tem no campus, como é que pode faltar isso, faltar aquilo. Nós tentávamos mostrar que temos de onde começar, e que nós vamos batalhar e conquistar mais coisas, que se esperar ter tudo de uma vez, você não dá o primeiro passo e aí você fica vendo o bonde passar. Essa mesma ousadia que eu vejo presente no Edifício II está presente nesse processo de expansão! Temos, obviamente, grandes dificuldades, temos reivindicações que têm de ser atendidas, sabemos das deficiências, mas vai valer a pena, porque é uma base sólida, tem um histórico por trás e de uma forma muito mais rápida teremos o necessário para a consolidação dos *campi*.

Quando você visita os outros *campi*, você tem uma percepção dessa preocupação: “Somos parte da UNIFESP?” É natural. Mesmo se fosse um curso novo, aqui no campus da Vila Clementino, os alunos podiam se sentir estranhos, pois são setenta e cinco anos de história, e se perguntarem: “Eu sou parte ou não sou parte?” Agora imagina um outro campus e uma outra área de conhecimento! É natural que essa sensação de “sou ou não sou parte” aconteça. Mas temos procurado ser muito claros de que todos são parte da mesma UNIFESP!

Temos que pensar que a decisão de criar a UNIFESP no *campus* da Vila Clementino, com os cinco cursos, foi uma decisão do colegiado da Escola Paulista de Medicina! A decisão de expandir para os outros *campi* também foi uma decisão desse colegiado. Não foi uma coisa que brotou de fora, é um processo consciente de transformação. Vamos vivenciá-lo com grande expectativa!

A UNIFESP é uma parte essencial da minha vida. Eu procurei sempre viver muito intensamente a vida acadêmica, e ao mesmo tempo a vida com a minha família... Porque eu via muitas vezes as pessoas perderem esse laço afetivo, ou deixar de lado, não ver o filho crescer por dedicação ao trabalho, à Escola. Achava que isso não valia a pena e sempre procurei correr atrás dos dois! É um pouco complicado conciliar porque são duas coisas que se faz com paixão. Acho que dei conta.

O meu casamento com a Regina foi ao final da residência. Estamos casados desde 85, mas já namorávamos em 81, 82... A Regina é fonoaudióloga, formada aqui na Escola. Nós fomos para Alemanha com um bebezinho, que era o Matias! Além daquela mudança, de ir para Alemanha, deixar o hospital e ir para o laboratório, com toda aquela novidade, tinha um bebê, lindo, de dois meses! E foi maravilhoso! Porque, como não tínhamos família - tios, avós- cuidamos intensamente desse garoto. Éramos muito felizes, os três lá, e revezávamos no cuidado do Matias. Um pouco antes de voltar ele estava maiorzinho, achamos que queríamos outro e não queríamos um intervalo muito grande... minha esposa já voltou grávida de lá! E nasceu a Ticiania, uma gracinha! Matias é o mais velho tem dezenove anos e a Ticiania, que é a mais nova, está com dezessete anos. Matias nasceu aqui e foi para Alemanha bebê e a Ticiania foi encomendada lá e nasceu aqui.

O Matias terminou o colegial e entrou direto no vestibular; foi uma felicidade muito grande. Agora está cursando o terceiro ano na faculdade de Medicina da USP! Está bem, curtindo bastante e, provavelmente, acha que lá é melhor do que aqui! Mas já é

deturpação local, não foi o que ele aprendeu em casa! Brincadeira! A Ticiane está no terceiro colegial.

Nossa vida na Escola é muito rica. Acho que a Escola é muito generosa! Comigo foi muito generosa... Por maior que tenha sido a minha dedicação, o retorno foi ainda maior. A Escola nos marca e nos permite deixarmos nossa marca.